

RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ADICTOS QUÍMICOS EM ESTÁGIO DE PSICOLOGIA COMUNITÁRIA, NA MODALIDADE DE ATENDIMENTO GRUPAL

Valesca de Santana Fernandes ¹; Pamela da Rocha Souza Rampazi dos Santos ²; Luiza Mariko Kanae Shibata ³; Me. Cecília Rita Bozzo Gregorutti dos Santos ⁴;

Universidade de Mogi das Cruzes – São Paulo / Brasil

RESUMO: O presente trabalho foi realizado em uma clínica de reabilitação de dependentes químicos, ao longo de doze encontros, por meio de oficinas terapêuticas estruturadas, no Estágio Supervisionado de Psicologia Comunitária, do curso de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior do Alto Tietê/SP. Durante o atendimento grupal, identificaram-se as seguintes demandas: fragilidade de vínculos, dificuldade de comunicação, percepção, consciência corporal, organização grupal e social. Focou-se o empoderamento pessoal por meio da desconstrução de estereótipos, a reconstrução de suas identidades.

Palavras-chave: Vínculos afetivos, Psicologia Social, Ressocialização, Oficinas Terapêuticas, Reabilitação.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da toxicomania é muito complexo abrangendo a saúde mental, e o uso compulsivo de drogas possui uma função nos circuitos afetivos e pulsionais daquele que utiliza esse recurso, como tentativa de remediar o mal-estar, a dor de existir. A busca pela droga é a busca pela recusa da realidade psíquica, é uma tentativa de “dopar” os conflitos psíquicos e não ter que se haver com o mal-estar estrutural que constitui cada um de nós (SERRETTI, 2011/2012).

A psicologia comunitária se propõe a acreditar profundamente na potência e na capacidade das pessoas se estruturarem, na construção coletiva, na identidade pessoal e coletiva que vai se construindo nos movimentos sociais (MELUCCI, 1998 apud MENEZES, 2008).

O presente trabalho é decorrente das atividades realizadas em uma Instituição de Reabilitação para dependentes químicos, durante o Estágio Supervisionado de Psicologia Comunitária, do curso de Psicologia em uma Instituição de Ensino Superior do Alto Tietê/SP, com o objetivo geral a atuação frente

¹ Discente de Psicologia da Universidade de Mogi das Cruzes – val8s@hotmail.com

² Discente de Psicologia da Universidade de Mogi das Cruzes – pamelarampazi@outlook.com.br

³ Discente de Psicologia da Universidade de Mogi das Cruzes – luizakanae@gmail.com

⁴ Professora Mestre da Universidade de Mogi das Cruzes – cecigregorutti@yahoo.com

às necessidades emergentes do grupo em questão, propiciando o empoderamento do mesmo.

2. MÉTODO

Foram utilizadas as estratégias de dinâmicas grupais e grupo de discussão a fim de estabelecer contato e interação, dos e com os alunos.

Fernandes (2000) entende o grupo de discussão:

como um grupo com tarefa restrita à discussão em cima de tema (s) e do contexto em que ocorrem. O objetivo é fazer circular o saber, o pensar de cada participante, despertar associações e formar conhecimento, procurando horizontalizar o saber e a prática de cada um.

A instituição é administrada por uma comunidade cristã que obtêm os recursos financeiros para o funcionamento por meio de doações, trabalhos voluntários, venda de canetas, chaveiros e outros artesanatos realizados pelos próprios internos, além de mensalidades recebidas das famílias que têm condições para contribuir a respeito da permanência de seus parentes.

Foram realizados 12 encontros com a proposta de atuar junto aos “alunos” (termo utilizado pela instituição), no intuito de auxiliar na promoção da reabilitação, bem como, nas demandas situacionais emergentes.

Nos primeiros encontros o grupo não apresentava sinais de coesão nem indícios de proximidade entre si, de modo que poucos integrantes conheciam da história dos demais. O que se sabia de prontidão, e isso os bastava, era que todos se encontravam naquele ambiente pelo mesmo motivo: as drogas.

De acordo com Freud, o método mais “interessante” de evitar o sofrimento é através do uso de substâncias tóxicas, pelo fato delas agirem diretamente sobre a química do corpo humano e, assim, tornar o homem insensível à própria desgraça. Ele destaca que “todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado”. Nesse sentido, determinadas substâncias tóxicas “quando presentes no sangue ou tecidos provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando também as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis”. (FREUD,1977)

A Organização Mundial de Saúde (2004) aponta quanto os diversos fatores de risco presentes no início do consumo das substâncias psicoativas, dentre elas pode-

se destacar os problemas de ruptura familiar, falta de apoio social, falta de capacidade de resistência à pressão social e baixa capacidade de resolução de dificuldades e conflitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

MONTEIRO, 2000 identifica as principais características dos dependentes químicos, como sendo: baixa tolerância à frustração, baixa autoestima, compulsividade, indisciplina, desorganização, dependência afetiva, imaturidade e regressão, agressividade, sedução, dissimulação e mentira, imediatismo, a inversão de valores, negação do estado de dependência, inconsciência dos perigos e consequências, pessimismo e comportamento chantagista e ameaçador. O principal desafio das estagiárias não foi o de apenas observar tais características facilmente encontradas nos dependentes químicos, mas a tarefa de olhar além das aparências e das defesas psíquicas, buscando identificar a fragilidade do ego (do aparelho psíquico grupal), os sentimentos primitivos e as vivências de desamparo, bem como desenvolver atividades com a finalidade de estabelecer vínculo com o grupo.

A rotina dos alunos na instituição consistia na realização de tarefas de organização e conservação do ambiente; cuidados junto aos internos mais velhos que eram cadeirantes e acamados; atividades religiosas tais como leituras e memorização de versículos bíblicos, sendo que eles eram penalizados com o aumento das tarefas diárias, caso não cumprissem com o estabelecido.

O modelo de controle utilizado na instituição era motivo de descontentamento dos alunos e inclusive em grande parte dos familiares. A liderança rígida, autoritária e inflexível fazia com que o clima e a característica do ambiente se alterassem com frequência, na medida em que, diante do líder os alunos se comportavam de maneira diferente quando à sua ausência.

Os líderes da instituição que ocupavam os cargos de pastor e gestor, coordenador e monitor, além da experiência anterior na condição de usuário de drogas, hoje ex-usuários, não possuíam nenhuma formação acadêmica na área de saúde, administração ou na intervenção com adictos químicos, condição esta, que implicava negativamente na rotina dos internos, tanto para subsidiar as necessidades situacionais como nas demandas relacionadas ao processo de dependência química.

Pratta e Santos (2009) destacam a necessidade de mudanças na formação dos profissionais que atuam com dependentes químicos quanto à forma de encarar tais pessoas, tendo um olhar mais humano e considerando-os como seres funcionais que possuem saberes e fazeres próprios justamente envolvidos no encadeamento saúde/doença.

Através das dinâmicas e reflexões decorrentes dos grupos de discussão, foi possível observar que a desunião, rivalidade e competição fortemente marcada entre os alunos, se dissipava a medida que eles compreendiam, argumentavam, ouviam e muitas vezes se reconheciam no relato do outro.

Ballarim (2003) reconhece que a modalidade grupal, por ser uma unidade dinâmica que proporciona aos sujeitos o fortalecimento através de laços afetivos, torna-se imprescindível no processo terapêutico, pois a interação, o estabelecimento de vínculos, as trocas de experiências, vivências e sentimentos facilitam a compreensão e elaboração da problemática acerca da dependência.

A melhoria na autoestima, a promoção do vínculo entre o grupo, o fortalecimento do espírito coletivo, a reflexão sobre os problemas enfrentados, o respeito ao próximo e a necessidade de integração e organização para cumprirem um objetivo, foram temas abordados, buscando dar representatividade. O convívio social implica em momentos agradáveis e desagradáveis, onde a dificuldade de um pode ser a aptidão do outro e que viver socialmente é também ser solidário com as limitações do próximo.

4. CONCLUSÃO

Parte da população através de atitudes, pensamentos ou opiniões não acredita que um ex-dependente químico tenha capacidade de reintegrar-se a sociedade, dificultando, assim, o seu retorno ao convívio social.

O estágio de psicologia comunitária objetivou a ressocialização, auxiliando os alunos a entenderem seus conflitos e emoções, os vínculos, a comunicação, a percepção, a consciência corporal, a organização grupal e social.

Concluiu-se que a confiança, a motivação e a esperança depositada nestes jovens foram de grande valia para a reconstrução de novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

- OMS. Organização Mundial de Saúde (2004). *Neurociências: consumo e dependência de substâncias psicoativas*. Genebra. Disponível em: http://www.who.int/substance_abuse/publications/en/Neuroscience_P.pdf?ua=1. Acesso em 09/Setembro/2017.
- BALLARIN, M. L. (2003). Algumas reflexões sobre grupos de atividades em terapia ocupacional. In: Magalhaes. L.V. & PADUA, E.M.M., (Orgs) *Terapia Ocupacional: teoria e prática*. 3ª ed., Campinas: Papirus.
- FERNANDES, Waldemar J.. (2000). Alguns Aspectos do Trabalho Psicanalítico com Grupos de Discussão. *Revista da SPAGESP*, 1(1), 61-69. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 09/Setembro/2017.
- FREUD, S. (1977). In: *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; Imago, Vol. I.
- MONTEIRO, W. (2000). *O tratamento psicossocial das dependências químicas*. Rio de Janeiro: Gráfica Novo Milênio. Disponível em: http://www.cruzazul.org.br/baixar/artigos/7/o-tratamento-psicossocial-de-dependentes-de-substancias-em-comunidade-terapeutica?lk=uploads/150707153838_o-tratamento-psicossocial-de-dependentes-de-substancias-em-ct.pdf. Acesso em 09/Setembro/2017.
- PRATTA, E.M.M. & SANTOS, M.A. (2009). O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Abr-Jun 2009, Vol. 25 n. 2, pp. 203-211. Disponível em: http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/6680/art_SANTOS_O_processo_saude-doenca_e_a_dependencia_quimica_2009.pdf?sequence=1. Acesso em 09/Setembro/2017.

MENEZES, ML. Psicologia comunitária e intervenções em grupos populares. In RIVERO, NEE., org. Psicologia social: estratégias, políticas e implicações Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 111-119; Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/gbqz7/pdf/rivero-9788599662861.pdf>. Acesso em 09/Setembro/2017.

SERRETI, M.A.T. Toxicomania: um estudo psicanalítico. Revista: Mosaico: estudos em psicologia. 2011/12: V.5 (2): 46-60. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4393>. Acesso em Setembro/2017.